



MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

A VIDA ETERNA

pág. 8

RECONHECER
E ACOLHER
A DIFERENÇA

pág. 13

VALE DE ACÓR: PORTA PARA NOVAS VIDAS

NOVEMBRO | 2015

DESTAQUE

UM PADRE A RESGATAR VIDAS EM FIM DE LINHA

Cláudia Pereira | Elisabete Carvalho

As águas do Tejo unem e separam dois lugares que se querem longe mas sem perder de vista. De um lado, o Casal Ventoso. Do outro, a Quinta de São Lourenço, a comunidade terapêutica do Vale de Acór. A ligação faz-se pela ponte 25 de Abril, para muitos a única via para a vida depois de anos no limiar da morte.

A comunidade terapêutica Vale de Acór foi criada há mais de 20 anos, por iniciativa e empenho do padre Pedro Quintela, com o apoio do então bispo de Setúbal, D. Manuel Martins. Na altura, ainda diácono, Pedro Quintela descobriu «uma vocação dentro da sua vocação» e decidiu fazer uma formação em Itália na área da reabilitação de toxicodependentes. Após dois anos de discernimento e confirmação interior e por parte da Igreja, e já sacerdote, partiu para «o concreto e para a periferia»: abriu o Vale de Acór, uma instituição que se afirma «na primeira linha da ressurreição».

É «gratificante» ver pessoas «que ressuscitam». Depois de um trabalho multidisciplinar muito concertado e centrado na vida em comunidade, «assistimos à saída do sepulcro», afirma o sacerdote, acrescentando que a reabilitação de dependentes – seja de drogas, álcool, antidepressivos ou outras substâncias implica lidar com «o mistério do mal, o fechamento e a autodestruição».

Uma das coisas mais impressionantes é ver pessoas a fazer escolhas violentas contra si próprias e, a partir de certa altura, a tornarem-se «obstinadas na autodestruição», comenta Pedro Quintela, durante uma visita à comunidade, a que chama «a periferia onde ninguém quer viver» e onde a Igreja tem de estar, tal como pede o Papa Francisco.



Do miradouro da Quinta de São Lourenço avista-se o Casal Ventoso, a antiga morada de uma grande parte dos utentes da instituição. «É bom que não esqueçam como foi viver daquele lado para terem a certeza se querem permanecer deste», refere o sacerdote, a caminho de outro espaço que serve de “choque” com a realidade.

Ao cimo de umas escadas labirínticas, encontra-se um memorial, dezenas de cruces de madeira com um nome e um número inscritos. A ideia é, por um lado, não deixar que as pessoas que aqui morrem caiam no anonimato, no esquecimento, já que muitas acabam «abandonadas, sem família»; por outro, serve de confronto para as que cá estão, explica Pedro Quintela.

O Vale de Acór divide-se por dois espaços, que acolhem um total de quase cem pessoas: a Quinta de São Lourenço, onde funciona a comunidade terapêutica; e um edifício em Almada, onde é feito o atendimento/acolhimento e, mais tarde, a reinserção. Depois de terminar o programa terapêutico, muitos continuam a frequentar diariamente a instituição, não só por razões sociais, mas porque a vivência da comunidade lhes serve de âncora. Fora de muros, o medo do fracasso é tão grande quanto a alegria de uma vida reabilitada.

«NÃO BASTA ROMPER COM UMA SUBSTÂNCIA»

«Não basta romper com uma substância, mas com um ritual de vida», o que torna tudo mais difícil, indica Sofia Sá Lima, uma das fundadoras do Vale de Acór e técnica de reinserção.

As pessoas chegam aqui numa situação limite, «totalmente fechadas, com medo», depois de «caminhos muito tortuosos», marcados pela dor e pelo sofrimento, conta Sofia, acrescentando que a terapia começa «com pequenos passos de desafio à confiança», que acabam por resultar numa abertura para com elas e com os outros.

Adélia Ramos, responsável pela Casa de Entrada, o primeiro ponto de acolhimento residencial para quem chega, realça que «o que mais os desconcerta é o registo de família, de proximidade». A vida comunitária é a terapia mais eficaz. A intervenção, baseada no método terapêutico do Projeto Homem, implica que «a pessoa enfrente a sua história pessoal, quase sempre um somatório de fracassos, violência, destruição e frustrações». Só depois de «aceitarem a sua condição» é que é possível «reabilitarem-se para a vida».

«É suposto que não haja um reservatório de emoções, trabalha-se a honestidade, as pessoas são convidadas a falar, a expressar-se, a deitar fora o que as atormenta, angustia», acrescenta.

A responsável pela Casa de Entrada diz ainda que quase todos os utentes chegam com «a saúde bastante destruída», já numa fase avançada de dependência e depois de «muitas tentativas falhadas». Deixam-se chegar a uma fase de degradação acentuada porque a reabilitação não é fácil, implica muito esforço, muita força de vontade e, por isso, muitos preferem «andar «embalados», viver no «enredo». Além disso, facilmente deslizam e 10 a 15% acaba por regressar aos consumos.

«As pessoas vêm sem hábitos, sem rotinas. Aqui têm de mudar de comportamentos, readquirir



regras e sentido para a vida, de modo a não recaírem. Aqui não é um albergue, é uma comunidade terapêutica. Não têm dinheiro, nem telemóvel, nem mobilidade», frisa Adélia Ramos.

E quem são estas pessoas? A responsável pela Casa de Entrada traça o perfil. A maioria são homens, com idades entre os 40 e os 60, dependentes de álcool e drogas, sobretudo haxixe. Ultimamente, têm entrado alguns jovens, viciados em jogos e outras ofertas da internet. Uma das utentes tem um quadro diferenciado; abusava de medicação e ultrapassou a fronteira. Quando teve alta do hospital psiquiátrico foi referenciada para o Vale de Acór.

A propósito das características dos utentes, o padre Pedro Quintela intervém com a descrição feita por um dos utentes: «Nós somos aqueles em relação aos quais os nossos pais nos preveniram».

O programa de reabilitação é desenvolvido por uma equipa multidisciplinar constituída por psiquiatras, psicólogos, médicos, técnicos de serviço social e outros que contribuam para uma intervenção o mais eficaz e eficiente possível.

HELENA GRADUOU-SE NA DROGA

O dia começa cedo na comunidade terapêutica do Vale de Acór. O sino toca às 6h30. É hora de acordar, levantar e preparar, para, às 7h25, estar pronto para a roda. «A roda significa união, família», revela Helena, a viver há um ano e meio na comunidade, depois de quase 30 na droga. O ritual repete-se a cada dia. Todos no pátio dão as mãos, formam uma roda e rezam uma pequena oração. Segue-se a distribuição de tarefas.

«Comecei a consumir droga aos 14 anos, por influência de um namorado. Nunca mais parei. Achei sempre que conseguia deixar quando quisesse. Mas, na verdade, fui-me graduando na droga», desabafa Helena, enquanto dá conta dos trabalhos que lhe estão confiados: a horta, o jardim e às vezes a lavandaria.

Helena sabia que não devia consumir drogas, mas não tinha noção das consequências. Os pais tentaram de tudo para a recuperar. Em vão. Só quando «pisou o último risco» é que pediu ajuda. Nessa altura, já estava só e muito doente, inclusivamente

com Sida. «Só sempre estive, porque na droga não há amigos. Já não tinha era forças para mais nada», assinala, com um misto de tristeza e medo do dia em que tiver de sair da comunidade. «Sou uma adicta,

posso recair a qualquer momento», admite, no meio de uma conversa cheia de sonhos - voltar a casa, ver o pai e o irmão e estudar.



PEDRO SEGUIU A MODA E «BATEU NO FUNDO»

Aos 19 anos, Pedro decidiu seguir a moda e embarcar numa aventura. Iniciou-se nas drogas até «bater no fundo». «Foram mais de 30 anos na droga e alguns na cadeia. Perdi tudo, cheguei à decadência total», lamenta, recordando a mulher e duas filhas.

Um dia, a professora primária encontrou-o na rua e ajudou-o a sair daquele submundo. Agora com 60 anos, e há 10 livre de drogas, é monitor no Vale de Acór. Vive um dia de cada vez, consciente de que «não é um herói» e pode recair. O medo é uma constante, mas na comunidade sente-se seguro e até reconhecido.

O MEDO DO REGRESSO AO PASSADO

António já acabou o programa há algum tempo, mas tem de se manter ligado à comunidade. É o seu «porto de abrigo», um «elo» fundamental para uma vida reabilitada. Fora da comunidade os perigos são muitos e impera o medo do regresso a uma vida que se quer passado.

O percurso é muito semelhante aos demais. Drogas leves, álcool, drogas duras e uma vivência de rua e de sofrimento. Os princípios cristãos inerentes ao programa terapêutico foram fundamentais para o reencontro consigo e com os outros. Tudo começa pelo respeito e espontaneamente surge o interesse por Deus.